

TAFONOMIA COMPARADA EM URNAS ARATU (PIRAGIBA E SÃO FÉLIX DO CORIBE, BAHIA)

LUYDY ABRAHAM FERNANDES*

ABSTRACT

This article presents a comparative exercise among funerary contexts belonging to the Aratu Ceramist Tradition. A burial in ceramic urn excavated in the town of São Félix do Coribe, west of Bahia, Brazil and which kept its human remains in extremely well preserved conditions, was compared to almost sixty burials of the same kind and affiliated to the same culture excavated in a site in the village of Piragiba in the same region of the state. Features such as patterns and causes for the fragmentation of the urns; position of the bodies when buried, and the chain of events related to the decaying of the bodies being elements to be compared between urns from both sites were analyzed. As a result, we could outline a relative chronology for five events corresponding to five moments which take place in these burials in urns, beginning at the moment of the burial of the corpse up to the excavation of the human remains.

* Mestrando em Antropologia e Arqueologia do PPGCS/UFBa
e-mail: luydy@terra.com.br

INTRODUÇÃO

As campanhas de escavações no sítio da praça da vila de Piragiba, município de Muquém do São Francisco, região oeste da Bahia, nos anos de 1996 e 1997, permitiram a exumação de pouco menos de 60 sepultamentos atribuídos à Tradição Arqueológica Aratu, depostos em sua quase totalidade no interior de urnas funerárias. Durante aquele período fizemos algumas observações iniciais sobre a fragmentação das urnas, sobre a posição e a decomposição dos corpos no seu interior. Desafortunadamente, chuvas e enchentes anuais erodem a superfície do sítio, impactada ainda por interferências antrópicas, especialmente o trânsito de veículos leves e de carga, inclusive a passagem de uma moto-niveladora com a ação do escarificador e da lâmina. Esses fatores provocaram profundos danos aos sepultamentos, destruindo, em média, o primeiro terço das estruturas funerárias, o que dificultou consideravelmente as observações, pelo que, naquele momento, as consideramos provisórias.

Posteriormente, em novembro de 1999, tivemos a oportunidade de resgatar, em São Félix do Coribe (cidade na margem direita do rio Corrente, também na região oeste da Bahia, distando cerca de 192km ao sul da vila de Piragiba), uma urna Aratu em excepcional estado de conservação. Esta incursão permitiu confirmar ou retificar as constatações feitas no sítio de Piragiba, propiciando novas considerações antes não aventadas. Apresentamos aqui as observações efetuadas a partir de três aspectos principais:

1. padrão e causas da fragmentação das urnas;
2. posição dos corpos ao serem sepultados;
3. cadeia de eventos ligados à decomposição dos corpos.

Aplicando-os e confrontando-os com o constatado na urna de São Félix do Coribe, foi possível avançar com as propostas interpretativas firmadas no primeiro relatório do Projeto Piragiba (FERNANDES, 1997). Destes dois sítios, reunimos um conjunto de dados, os quais agora expomos, numa incipiente tentativa de caminhar em direção a uma detalhada compreensão dos fenômenos envolvidos e, também, visando estabelecer um esboço dos processos degradantes e atuantes sobre estes restritos contextos funerários.

A FRAGMENTAÇÃO DAS URNAS DE PIRAGIBA

As urnas funerárias Aratu, piriformes na maioria dos casos, mostram a extremidade superior mais larga em oposição à outra que vai se afinando, até terminar em um vértice arredondado. Seccionando-se um desses recipientes em qualquer dos planos que contêm o eixo geratriz, ou eixo de simetria, imediatamente podem ser percebidos os três segmentos de arcos componentes do perfil daquele sólido. Da base para a abertura, portanto, temos:

1. arco da base (com traçado elipsóide);
2. arco do bojo (aberto);
3. arco da abertura (como um arco circular interrompido).

O primeiro deles, inicia-se no trecho em que as paredes aumentam a sua curvatura, mudando de direção para se unirem, fechando o fundo do bojo. Assemelha-se sobremaneira a um segmento de arco ogival. Em alguns exemplares reunidos no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBa), ele se apresenta ora mais acentuadamente ogival, com o vértice bastante nítido, ao passo que em outros, como esse representado na figura 1, tende a uma feição quase circular. Aqui, neste arco da base, a espessura da cerâmica, em decorrência do processo de fabricação dos vasilhames, atinge o seu maior valor em relação a todos os outros pontos da peça. Como o é sabido, pela constatação da prática arquitetônica, este arco, dentre os três componentes da figura, suporta as maiores forças e as distribui com maior eficiência. Havendo uma força que atue no sentido exterior/interior deste arco e, por extensão, na urna, quer se faça na sua chave de volta (vértice) ou nas áreas imediatamente adjacentes, somente com grande esforço conseguirá fraturá-lo e rompê-lo. Assim sendo, tanto a maior espessura das paredes cerâmicas como a forma dos arcos que compõem essa parte das urnas contribuem para torná-las resistentes às fraturas.

O segundo arco, aquele que une o arco da base ao arco da abertura, é o formador principal das paredes do recipiente; tem o traçado de um arco extremamente aberto, tendendo a um segmento de reta. Começa e termina, respectivamente, nos trechos de mudança de direção para o arco da base, como o dito acima, e para o arco da abertura. Nele, a espessura da cerâmica declina paulatinamente, à medida que se aproxima do extremo superior da igaçaba. Este fator, aliado ao seu traçado, tornam-no pouco resistente às pressões externas, sendo facilmente fissurado e fraturado.

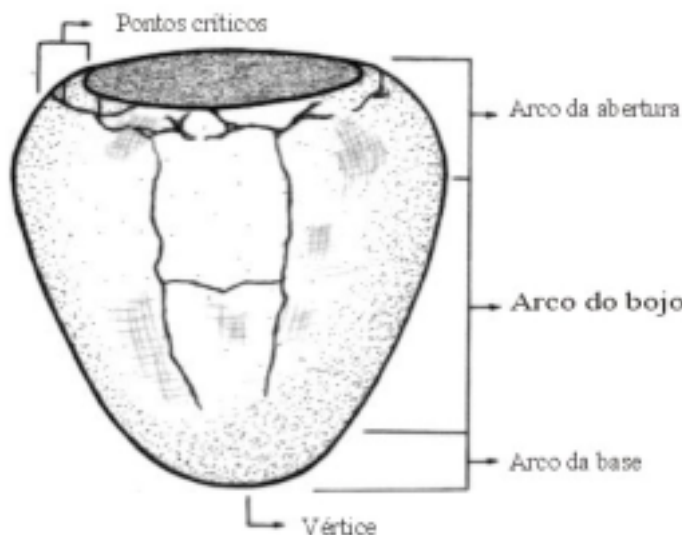


Fig. 1: Urna da fase Itanhém, da Tradição Aratu, depositada no museu de Porto Seguro. A decoração corrugada ao redor da abertura foi omitida. Notar as fraturas indicadas, duas longitudinais incompletas e uma latitudinal ligando-as, ver também as fraturas nos pontos críticos. Todas as fraturas indicadas não existem na peça, são apenas ilustrativas e foram criadas para permitir a compreensão do texto.

O último, designado arco da abertura, seria um arco circular. Há, contudo, uma particularidade nas urnas funerárias: a abertura, que aqui é vista como uma interrupção no desenvolvimento desse arco. Caso não fosse descontínuo, este arco, em termos de resistência, estaria intercalado entre aquele componente do bojo e o componente da abertura. Além disso, a espessura da sua cerâmica, que mostra os menores valores nas zonas da borda, faz decrescer ainda mais a resistência, tornando este o segmento mais frágil do recipiente. Ficando voltado para cima, na posição em que o vaso é normalmente depositado, esta região da peça está sujeita a maiores esforços mecânicos, quebrando-se com mais facilidade.

Com o estabelecimento desta correspondência biunívoca entre a forma e a resistência, podemos, antecipadamente, deduzir uma simples e imediata escala de fragmentação para as três partes do corpo da urna, constituídas por cada um dos três tipos de arco. No topo da escala, com os maiores índices de fissuras e fragmentação em vários e pequenos

cacos, estará o extremo superior das urnas, formado pelos arcos da abertura; ao contrário, o extremo inferior, onde estão os arcos da base, não deverá mostrar nenhuma fratura, ou apenas poucas, e os fragmentos serão maiores. A região das paredes, com os arcos do bojo, permanecerá entre os extremos, tanto da urna como na escala e apresentará uma fragmentação intermediária entre as duas previsões.

Passemos agora a analisar as forças que detectamos e conseguimos perceber envolvidas no processo de ruptura. A gravidade age, sobretudo, no opérculo e no extremo superior do recipiente cerâmico, composto por arcos circulares interrompidos. Seus efeitos traduzir-se-ão pelo peso da quantidade de terra sobre o opérculo e pelo peso do próprio opérculo a atuar sobre a urna ainda não rompida, estando, portanto, sem nada em seu interior além do corpo. A soma dos pesos indicados será transmitida pelos arcos da abertura até o conjunto de pontos críticos (fig. 1), que formam a área mais frágil da peça correspondente àquela zona de transição dos arcos da abertura para o arco do bojo e que está, pela sua posição, recebendo perpendicularmente os esforços gravitacionais.

Todas as igaçabas que se romperem sob a terra, provavelmente terão fraturas circulares unindo os pontos críticos, que se distribuem de uma maneira semelhante a uma cinta, disposta ao redor, mas algo afastada, da borda (notar esse rompimento e disposição na fig. 2). Como efeito deste rompimento do extremo superior, conformado pelos arcos da abertura, acontece a invasão do bojo pelos fragmentos cerâmicos vindos da zona entre a cinta de pontos críticos e a borda; pelo opérculo, íntegro ou também partido, e; pelo sedimento imediatamente superior ao sepultamento, compactando e avariando os ossos já desprovidos dos tecidos e acomodados no último terço da urna. Provavelmente esta deve ser a primeira fratura do recipiente cerâmico, derrubando os cacos do arco da abertura, característicos por ostentarem a borda, sobre e entre os ossos, o que lhes provoca danos pelo impacto e fazendo a urna encher-se de terra.

Outras forças atuantes, no mesmo sentido exterior/interior, são as compressoras, com direção perpendicular ao eixo de simetria ou geratriz da urna. Cremos que sejam advindas do sucessivo encharcar e dessecar do solo, o que provocaria, reciprocamente, uma expansão do sedimento que envolve o recipiente do sepultamento, seguida de uma contração. Agem essas forças, sensivelmente, sobre um arco pouco resistente, o arco aberto, nele podendo produzir fissuras e fraturas com facilidade. Atu-

ando elas ao redor de todo o corpo da urna, como que uma braçadeira, resta ao vasilhame cerâmico, para aliviar-se do esforço sofrido, ceder para o único meio onde não há sedimento que o pressione, ou, caso haja, procedente da queda do opérculo, não tem grau de compactação suficientemente alto para equilibrar a compressão, o que faria a cerâmica resistir íntegra. A inevitável fratura, aliviadora da tensão, que se formará, tomará o sentido longitudinal, descrevendo uma tortuosa vertical. Se a pressão for bastante violenta, as faces da fratura longitudinal dobrar-se-ão para o interior, como o que aconteceria com a casca de um ovo quando se o esmaga entre os dedos e a palma da mão.

Como é presumível a alternância de sentido das forças, a uma compressão segue-se uma descompressão retrativa, quer pelo dessecamento do solo ou, quiçá, pelo próprio alívio alcançado pela quebra. A descompressão, atuando sobre os grandes fragmentos semelhantes aos fusos horários ou a gomos em uma laranja, por serem altos e com pouca largura, conformados pelas quebras longitudinais descritas, passa a ser a responsável por um novo tipo de fratura, delineada agora no sentido latitudinal, unindo, por uma tortuosa linha horizontal, as fraturas longitudinais. Essas fraturas tendem a coincidir com os trechos de união dos roletes do vasilhame. Mantendo-se cíclico, o contrair/expandir do solo, derivado da sucessão das estações secas e úmidas, o processo aventado não termina; entretanto, transcorrido um decurso de tempo suficiente, alcançará um estágio no qual as já muitas fraturas serão as encarregadas de amortecer os movimentos, absorvendo os deslocamentos provocados pelas forças.

Do considerado, notamos em Piragiba, na prática das escavações, que as fraturas longitudinais são das primeiras que sucedem, vindo imediatamente depois do rompimento da cerâmica nos pontos críticos, dispostos em forma de cinta, ao redor da borda. Observamos que estas tais fraturas longitudinais percorrem todo o corpo da urna indo da abertura até a porção inferior, geralmente em um traçado contínuo. O afastamento das arestas deste tipo de fratura é o maior existente dentre todas as quebras do recipiente, o que pode denotar a maior antigüidade do rompimento e/ou a atuação de uma maior força. No que se refere às fraturas latitudinais, elas partem, de um modo geral, de uma longitudinal até atingirem outra longitudinal, aí se interrompendo. Essa peculiaridade no traçado, aliada ao pouco afastamento entre as margens da quebra, sugere que as fraturas latitudinais ocorreram depois da existência das longitudinais.

Resumindo o que se apurou no sítio de Piragiba, temos:

Enfraquecimento das paredes cerâmicas por exposição aos fatores físico-químicos presentes no solo.

1^{as} Fraturas: Área de pontos críticos ao redor da abertura, em forma de cinta.

Conseqüências: Rompimento dos arcos da abertura
Queda do opérculo no interior da urna

Entrada de fragmentos da borda da urna/
opérculo no seu interior

Entrada de sedimentos

Fragmentos da borda da urna/opérculo entre os
ossos

Dano aos ossos

Alívio da tensão vertical.

Forças envolvidas: Gravidade.

2^{as} Fraturas: Longitudinais, da abertura ao fundo da urna.

Conseqüências: Alívio da tensão de compressão/descompressão
horizontal; Facilita as fraturas latitudinais.

Forças envolvidas: Pressão decorrente da contração/expansão do
solo superficial e sub-superficial.

3 ^{as} Fraturas:	Latitudinais, de uma longitudinal à outra.
Conseqüências:	Alívio das tensões Absorção dos movimentos de contração/expansão Interrupção do processo de quebra da urna.
Forças envolvidas:	Pressão decorrente da contração/expansão do solo.

A FRAGMENTAÇÃO DA URNA DE SÃO FÉLIX DO CORIBE

Um sepultamento em urna Aratu, muito bem preservado, foi encontrado durante as escavações das sapatas para uma edificação residencial na cidade de São Félix do Coribe, também na região oeste da Bahia. Quando nos deparamos com ele, já havia sido retirado do solo, envolvido por várias alças de fita adesiva plástica larga, tendo sido transportado e posto sob a guarda da delegacia municipal. Estes procedimentos, feitos com esmero e cuidado por moradores mais esclarecidos que acorreram ao sítio, asseguraram a integridade do vaso cerâmico e do seu expressivo conteúdo até sermos informados do achado e chegarmos àquela região. Não desfrutou de igual sorte uma primeira urna, achada poucos dias antes, quando do início da abertura das sapatas, nessa mesma construção. Em decorrência de uma crença popular, bastante difundida, sobre a existência de ouro ou de tesouros dentro de panelas enterradas pelos índios, o sepultamento foi completamente destruído pela sanha das pessoas que o desenterraram.

Com relação ao estado da urna, verificamos de imediato que o opérculo conoidal demonstrava ter sido empurrado quase totalmente para dentro do bojo, de modo que apenas poucos centímetros da sua extremidade superior ultrapassavam o plano da abertura do vaso piriforme. Sem sombra de dúvidas e consoante o aventado em Piragiba, a fratura dos pontos críticos sob o peso do opérculo e dos sedimentos o derubaram; embora, notadamente, sem a necessidade de terem se rompido todos os pontos críticos, completando a quebra circular em forma de cinta, posto que cerca de 50% da borda da urna ainda estava íntegra (fig. 2).

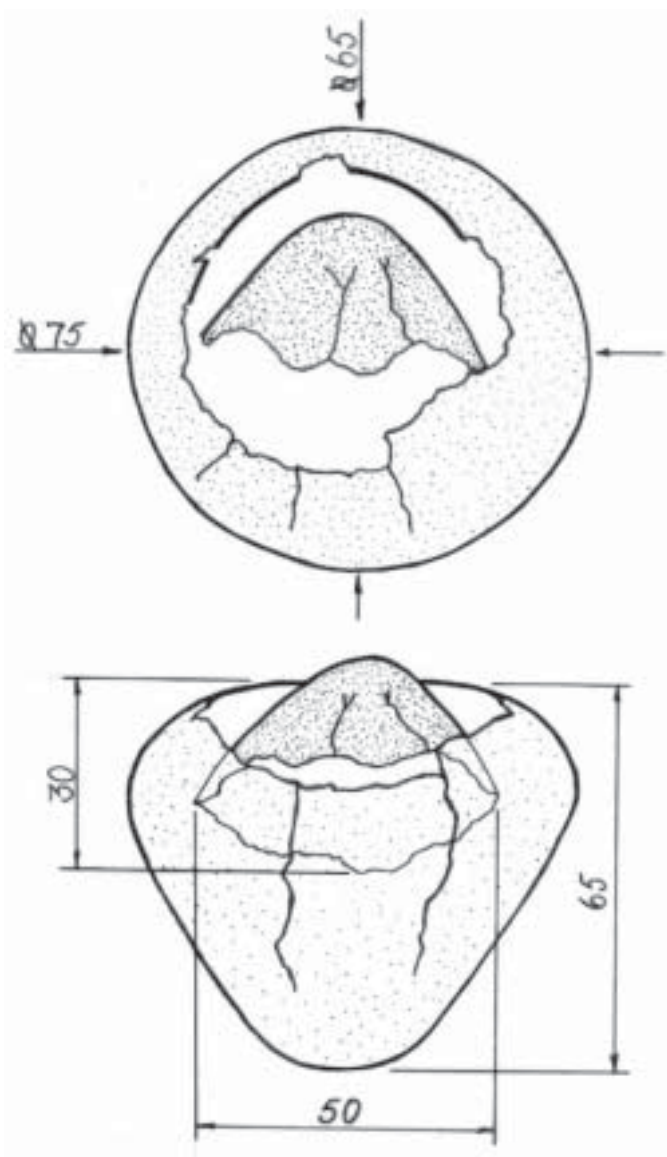


Fig. 2: Vista superior e frontal da urna de São Félix do Coribe mostrando a posição em que se estabilizou o opérculo após o rompimento dos pontos críticos. Notar ainda a presença de duas fraturas longitudinais originadas das fraturas nos pontos críticos, na parte superior e se dirigindo para o vértice, na base da urna. As dimensões estão indicadas em centímetros.

A forma com que desceu o opérculo ainda permite interessantes suposições. Como ele também se manteve ileso, só com as suas bordas quebradas, o que corresponde a, aproximadamente, 30% da sua forma, notamos que ele não caiu diretamente sobre os restos humanos; mas sim, tão somente um dos seus lados invadiu o bojo, descendo; ao passo que o lado oposto permaneceu quase à altura da borda da urna, ficando assim, numa posição inclinada no interior do bojo da igaçaba.

O que teria detido a queda do opérculo e o mantido inclinado? Levantamos as seguintes hipóteses:

1. Como o lado que desceu estava muito próximo das articulações dos joelhos do indivíduo sepultado (conforme o que se pode observar na fig. 2), talvez as epífises distais dos fêmures e/ou proximais das tíbias o tenham amparado na queda.
2. Por uma quebra relativamente pequena, o sedimento arenoso do solo do sítio escoou para dentro da urna antes do rompimento que fez deslocar, posteriormente, o opérculo, imobilizando-o parcialmente na sua descida.
3. A própria diferença entre os diâmetros da abertura do opérculo e da porção inferior da igaçaba teria feito com que as laterais da quele, ao descer, tocassem nas paredes da urna que começam a se aproximar, convergindo, depois do seu diâmetro máximo, detendo-o.

Um fato inquestionável é o das fraturas nos pontos críticos terem acontecido antes das demais e de serem elas as responsáveis pela queda do opérculo e pela invasão do bojo pelos sedimentos.

No que tange às fraturas longitudinais, observamos cerca de cinco, ainda em fase inicial, ou seja, fissuras com o afastamento de poucos milímetros entre as suas faces e ainda restritas à parte superior do vaso (duas delas podem ser notadas na fig.2). Como dissemos, nem todas tinham prosseguido até o fundo da urna, o que nos facultou perceber que elas se iniciam a partir das quebras dos pontos críticos e caminham com o tempo, lentamente, pela submissão aos esforços aplicados, até atingir a base. Nenhuma fratura latitudinal, isto é, uma quebra que se desenvolvesse horizontalmente, unido uma fratura longitudinal a outra e que coincidissem com as junções dos roletes que compõem a urna (vide fig. 1), foi constatada. Esta ausência só vem a ratificar a seqüência de fraturas proposta atrás.

Para compreendermos a inexistência deste tipo de fratura torna-se imprescindível analisar tanto as forças envolvidas, como as características do solo. A gravidade e a compressão são, como já sabemos, responsáveis pelos danos anteriores imputados pelos tipos de rompimentos visualizados; por fim, sendo a continuação da compressão, pelos movimentos de expansão e retração, o que provoca as quebras latitudinais. O solo predominantemente arenoso que envolvia a urna de São Félix do Coribe e que também a preencheu, certamente tem índices mínimos para a expansão e a contração, quando submetido ao encharcamento pelas chuvas. Esta característica do solo justifica a interrupção do processo de rompimento antes de se formarem as fraturas latitudinais, posto que a acomodação propiciada pelas fraturas longitudinais teria sido suficiente o bastante para absorver a pequena expansão/retração daquele sedimento de baixo teor argiloso, justamente o inverso do sucedido com o sedimento predominantemente argiloso da praça de Piragiba.

A POSIÇÃO DOS CORPOS NAS URNAS DE PIRAGIBA

Para tentarmos alcançar a posição original em que foram depositos os corpos dentro das urnas nos acerbaremos das únicas indicações diretas que se mantiveram, os vestígios ou restos dos esqueletos. Partindo da posição constatada para os ossos, derivamos a posição do esqueleto e, desta, passamos a inferir como foi acomodado o corpo no interior do vaso cerâmico.

1. Os ossos têm sido encontrados em uma disposição recorrente, o crânio caído ao fundo, tendo em cada um dos seus lados um dos fêmures, uma das tíbias, uma das fíbulas e os úmeros, todos em posição quase vertical;
2. a natural seqüência articulatória dos membros se tem mantido, ou seja, as epífises proximais das tíbias adjacentes às epífises distais dos fêmures - as epífises proximais dos rádios e das ulnas adjacentes às epífises distais dos úmeros - tíbias ao lado de fíbulas e rádios ao lado de ulnas, o que não ocorreria caso se procedesse ao seccionamento das articulações dos membros e à decapitação;
3. a posição do sepultado, condizente com as observações, é a de cócoras ou muito próxima dela, o crânio entre os membros pélvicos explica-se pela sua queda, provocada pela inevitável decomposição dos tecidos moles.

Particularmente ainda está por ser precisada a exata recorrência da posição no que se refere aos braços: em alguns poucos casos, foram encontrados os seus ossos entre os fêmures, como se tivessem sido poucados sobre o colo; com relação às mãos, podiam estar com os dedos entrelaçados ou sobrepostos; às pernas, podiam se cruzar ou não; e à posição dos pés, podiam estar à frente ou abaixo das nádegas. A variação da posição do crânio é outro indício que apontamos. Foram encontrados apoiados lateralmente, sobre a base ou sobre a sua porção superior, quer seja com a face voltada para o corpo ou oposta a ele. Como o crânio se desprende do tronco e cai, os modos como ele se assenta dependem da posição inicial, da inclinação dele antes de se soltar, dos choques com outros ossos durante a queda e da parte que se desprende inicialmente.

Queremos dar ênfase à presença de pequenas peças ósseas, os sesamóides, que existem regularmente abaixo da cabeça do primeiro metatarsiano e metacarpiano, ou seja, nos dedos grandes dos pés e das mãos. A identificação destes ossos serve para dirimir qualquer questionamento acerca da prática de um sepultamento do tipo secundário, através do qual se faria a colocação dentro da urna apenas da parte mais facilmente recuperável do conjunto de ossos, previamente decomposto por uma inumação anterior. Seria bem pouco provável que se conseguisse recuperar da terra da primeira cova, esses ossos miúdos tão pouco numerosos e perceptíveis.

Escrevemos estas considerações e observações tendo exclusivamente por fulcro os contextos e indicadores vistos nas escavações praticadas na praça de Piragiba, propositadamente não recorrendo às referências existentes na literatura disponível

A POSIÇÃO DO CORPO NA URNA DE SÃO FÉLIX DO CORIBE

Como já mencionamos anteriormente, o estado de preservação do esqueleto inumado é muito bom, os ossos mantiveram a forma íntegra, mostrando ainda os menores e delicados acidentes anatômicos. Mantiveram também uma relativa resistência, oferecendo-se a uma suave manipulação sem o risco de serem reduzidos a pó pelo contacto com o pincel de escavação, como acontece com frequência em outros sítios. No relatório que versa sobre a escavação deste enterramento, encaminhado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da

Bahia ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foram feitas algumas avaliações sobre as condições que favoreceram a conservação e a manutenção dos restos mortais:

“No caso do sítio Aratu ora identificado no município de São Félix do Coribe ocorre uma conjunção de fatores como o recente período de ocupação da área [referente ao sítio arqueológico, atualmente quase todo ocupado pela construção de casas], (conforme os relatos, antes da década de 60 a região era desabitada); a não utilização dos lotes, o que criou uma situação de contínua deposição de material, principalmente entulho das casas vizinhas; e o muramento do terreno, fatos estes que favoreceram a preservação da integridade física do local. Alia-se à citada não interferência humana, uma proteção natural advinda primeiro do relevo, em platô e não sujeito a inundações ou formação de correntezas pluviais e, em seguida, das características do solo, arenoso, pouco ácido, de boa drenagem e não compactado [precisamente o oposto dos fatores condicionantes de Piragbia: perturbações antrópicas, hídricas e a acidez de um solo argiloso].

O sedimento intrusivo da urna do sítio Pio Moura [denominação dada a este sítio Aratu de São Félix do Coribe, quando do preenchimento da Ficha de Registro de Sítio Arqueológico – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – IPHAN / Minc] é composto basicamente por solo de alto teor arenoso. Ademais, pelo estado de preservação de estruturas ósseas delicadas, tais como o estribo do ouvido interno esquerdo, isolado e por nós recuperado do poro auditivo com sucesso, podemos aventar ser o solo de pouca acidez.

Todas as circunstâncias descritas e citadas fizeram com que uma camada arqueológica de ocupação habitacional Aratu que se estende de 15cm à 90cm de profundidade, chegasse até nós praticamente intocada. Precisamente essa é a excepcional peculiaridade que torna o sítio Pio Moura único e dela podem surgir dados que esclarecerão questões postas e impossíveis de serem dirimidas por qualquer outra escavação executada até o momento.” (*PALERMO NETO e FERNANDES, 1999: 5-7*)

Os esclarecimentos que a visão do sepultamento trazem sobre a acomodação dos remanescentes do corpo humano são tão imediatos que, contemplando o bojo da urna sem a areia, após a decapagem, se afigura o seguinte quadro: um esqueleto imobilizado numa posição acorçada, ligeiramente inclinado para a esquerda, repousando, recostado há séculos, nas protetoras paredes do invólucro cerâmico. Os ossos do tórax, como que recostados a um espaldar de cadeira, têm o seu início a cerca de 25cm do plano da abertura da urna, abaixo deles e sempre mantendo irrepreensivelmente as articulações, estão os ossos do quadril, postados no fundo do vaso. Os ossos dos pés, diretamente à frente da bacia, dividem o restrito espaço e servem a ela de apoio no fundo da urna. Os membros inferiores, juntos, fletidos ao máximo nas articulações dos joelhos, mostram uma suave inclinação para a esquerda. Os úmeros pendem natural e lateralmente ao tronco, e, por obra de uma flexão de 90 graus dos cotovelos, os rádios emparelhados às ulnas, jazem sobre a bacia, os direitos sobre os esquerdos, tendo à frente os fêmures. Com um rápido experimento podemos reproduzir esta posição, colocando a mão esquerda na lateral direita do quadril e vice-versa; juntando os pés e os joelhos; agachando e sentando no chão, permanecendo os pés em contato com as nádegas.



Fig. 3: Aspecto do esqueleto contido na urna de São Félix do Coribe, em vista superior, após a remoção do sedimento arenoso invasor. Notar os ossos que se moveram e como ficaram imobilizados.

Para sermos fiéis ao quadro, não podemos omitir detalhes do deslocamento de determinados ossos. O crânio, como o esperado, caiu ao colo ainda com a mandíbula articulada. Ao fim da sua queda atingiu as diáfise sobrepostas dos rádios e das ulnas, provocando nelas um esmagamento somente restrito ao trecho diretamente impactado. Como o crânio se deteve com a face voltada para a esquerda, o parietal direito sofreu o choque direto contra os ossos dos braços, causando um pequeno afastamento na sutura escamosa, entre o temporal e o parietal esquerdo e, presumimos, provocando uma fratura oblíqua que dividiu a mandíbula em duas partes, indo do alvéolo do canino direito até a protuberância mentoniana, passando por entre os tubérculos. Apesar do opérculo cerâmico da urna ser muito mais pesado que o crânio, o que poderia levar a uma suposição de ter ele contribuído para o esmagamento dos ossos longos, o afastamento da sutura craniana e para a fratura de um osso resistente como a mandíbula, o seu deslocamento foi detido aos 30cm de profundidade (vide fig. 2), não chegando a entrar em contacto com esses ossos danificados.

O úmero direito desceu poucos centímetros verticalmente até assentar a sua epífise distal sobre a porção anterior da fossa ilíaca direita. A escápula direita caiu, também sendo amparada pelo mesmo ilíaco na área central da sua fossa. Na queda ela executou uma rotação, semelhante à descrita pelo crânio, de modo que o acrômio e a apófise coracóide também foram apoiados pela fossa ilíaca. Além destes grandes e evidentes movimentos, notamos ainda acomodações mais discretas para os ossos da caixa torácica, pelo arriar das costelas, acompanhadas pelas clavículas e pelo externo; o deslocamento das frágeis vértebras cervicais, de ligamentos menos resistentes, cujos rompimentos teriam deixado livre o crânio, permitindo que este realizasse o seu mais amplo deslocamento.

Caso retomemos as considerações e observações feitas para as urnas de Piragiba, que são:

1. pontos em comum no que se refere à disposição recorrente dos ossos;
2. crânio caído entre os ossos longos;
3. fêmures, tíbias, fíbulas e úmeros, todos quase navertical;
4. manutenção das relações anatômicas, especialmente nos membros;
5. posição condizente com aquela de cócoras;

constataremos que elas são plenamente aplicáveis à urna de São Félix do Coribe e, portanto, compatíveis às posições dos corpos nelas sepultados, não sendo reflexo da realidade excluir alguma pequena variação com respeito à posição dos braços para os sepultamentos nas urnas de Piragiba, já que não conseguimos determinar, em muitas, esta particularidade.

A DECOMPOSIÇÃO DO CORPO NA URNA DE SÃO FÉLIX DO CORIBE

A posição e, especialmente, o deslocamento dos restos ósseos dentro da igaçaba exumada no sítio Pio Moura, em São Félix do Coribe, vêm agora, por sua vez, oferecer uma nova contribuição em prol do esclarecimento das questões antes consideradas obscuras.

Em Piragiba conseguimos perceber que o crânio caiu ao colo antes do rompimento e invasão da urna pelos sedimentos; entretanto, não fomos capazes de estabelecer, dado ao mau estado de conservação dos enterramentos, se a queda do crânio era decorrente da ação do seu próprio peso, não mais suportado pelos tecidos brandos, naturalmente decompostos, ou se era fruto do impacto e arrasto provocados pela queda dos sedimentos e fragmentos do opérculo e da borda da urna dentro do bojo, conforme o previamente discutido.

A tinta usada para pormenorizar os deslocamentos, movimentos, quedas e a posição final assumida pelos ossos nos indica, sugestivamente, uma conclusão. Começamos pelo úmero direito, ele desceu até atingir o íliaco direito, tocando-o. A escápula direita também desceu, caindo por um trecho relativamente longo, do ombro até o quadril, e realizando uma rotação, até entrar em contato com o íliaco, do mesmo modo que o úmero. Destas triviais ações da gravidade sobre estes ossos descarnados, denotamos não haver nada entre o início da trajetória deles e o seu final, que os impedisse de atingir e entrar em contato uns com os outros. Para o crânio, o fato ainda é mais evidente pela sua amplitude e violência. Nenhum empecilho obstaculizou a queda do crânio sobre os ossos dos braços, provocando um pequeno afundamento no parietal direito e o esmagamento da diáfise dos ossos longos atingidos. Destarte, como a única coisa que se poderia interpor às quedas era o sedimento e os fragmentos cerâmicos invasores, somos levados a crer que estas acomodações, precedidas pelos amplos movimentos de queda, aconteceram pela

natural decomposição dos tecidos musculares e da parte branda dos conjuntivos, dos quais resiste por muito tempo a matriz mineralizada dos tecidos ósseos.

Por outro lado, como verificamos a não plena consecução de dois fenômenos previstos e esperados:

- a descida do opérculo, detido na sua queda para dentro do bojo, comprometida tanto pelo incompleto rompimento em forma de cinta da abertura da urna, quanto por um possível apoio nas paredes da urna e/ou sobre o esqueleto;
- e o próprio rompimento incompleto do vasilhame cerâmico, aludido acima, pela não fratura de todos os pontos críticos, potencialmente derivado dos fatores condicionantes de preservação particulares ao solo do sítio;

ponderamos que o sedimento arenoso invadiu paulatinamente o vaso, escoando pela mesma quebra que desequilibrou o opérculo, como a areia que cai de uma ampola a outra da ampulheta, desta forma não impactando os ossos, mas, sim, os retendo numa configuração estável que tão somente seria perturbada pela decapagem empreendida, centenas de anos depois, quando da escavação deste sepultamento.



Fig. 4: Reconstituição proporcional da posição em que foi inumado o corpo na urna de São Félix do Coribe, a partir da disposição do esqueleto nela escavado. É notável o amplo espaço do bojo e as dimensões da abertura, em relação ao porte do corpo.

ESBOÇO DE UMA CRONOLOGIA RELATIVA

As observações dos processos de transformação das estruturas funerárias das urnas cerâmicas do tipo Aratu nos dois sítios da região oeste da Bahia: Praça de Piragiba – município de Muquém do São Francisco e Pio Moura – cidade de São Félix do Coribe, franquearam um conhecimento mais detalhado acerca de um modo recorrente de sepultamento, há muito indicado e reconhecido pela bibliografia como configurando um padrão funerário. Ainda sobre a tafonomia destes testemunhos vale lembrar que:

“A cerâmica encontrada nos cemitérios ou enterratórios dentro do sítio-habitação consiste em um único tipo de urna piriforme, com aproximadamente 75 cm de altura por 65 de largura máxima no bojo e 45 cm de boca, sempre sem decoração [...]. Todas as urnas estão providas de um opérculo constituído por uma tigela invertida, de tamanho apropriado para tampar a abertura da boca.” (CALDERÓN, 1969: 164)

“Padrões de Sepultamento – Os sepultamentos desta fase [Itanhém], como correspondendo a todos os da tradição Aratu, são feitos em grandes urnas piriformes, idênticas no tamanho e forma às da fase Aratu, diferenciando-se destas, apenas, pela decoração corrugada ondulada que têm em torno da boca as pertencentes à fase Itanhém.” (CALDERÓN, 1974: 149)

No que se refere aos aspectos tafonômicos e considerando o inter-relacionamento dos fenômenos cadavéricos com a degradação do recipiente funerário no solo, é possível propor uma cronologia relativa, particularmente detalhada, para o período que se estende entre a inumação e a exumação. Assim sendo, fixamos cinco momentos ou etapas deste processo:

- 1º. momento: ato da inumação;
- 2º. momento: decomposição dos tecidos e acomodação progressiva dos ossos;
- 3º. momento: início das fraturas na área crítica, ao redor da borda da urna e progressão das fraturas longitudinais;
- 4º. Momento: ruptura, queda do opérculo e invasão da urna pelos sedimentos;
- 5º. momento: imobilização dos ossos.

A esse último momento sucederam-se, somente no caso das urnas de Piragiba, os processos erosivos que atingindo as estruturas funerárias causaram a sua maior degradação. Para alcançar um grau mais preciso na proposta cronologia, há que se estipular o intervalo decorrido entre o primeiro momento e o último, ou seja, do ato da inumação, quase coincidente com o início da decomposição dos tecidos humanos, até o ato da imobilização dos ossos, especialmente o crânio, afetado pela ruptura e invasão da cápsula cerâmica pelos sedimentos que a envolviam e cobriam. Estimar o afastamento cronológico havido entre estes momentos torna-se viável, justamente, pela previsibilidade dos fenômenos das transformações cadavéricas, analisados e estudados pela Tanatologia Forense, o capítulo da Medicina Legal que trata da morte e das consequências a ela inerentes. Recorrer, então, a ela e verificar o que nos tem a dizer é exatamente o encaminhamento que estamos seguindo no momento, e que esperamos em breve concluir e apresentar.

AGRADECIMENTOS

À Superintendência de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (CADCT/SEPLANTEC) pelo amparo que tornou possível o prosseguimento das incursões e campanhas de pesquisa em Piragiba, dando a necessária e fundamental sustentação financeira para o deslocamento e manutenção dos pesquisadores em campo, bem como para a execução de análises laboratoriais e serviços técnicos especializados.

Às professoras Dra. Tania Andrade Lima e Dra. Sheila Mendonça de Souza, por terem lido os originais e indicado os pontos obscuros e de pouca compreensão. Fizemos todos os esforços ao nosso alcance para acompanhar as orientações apontadas, todavia, não tivemos sucesso em todas as tentativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDERÓN, Valentin.

1969. *A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da Bahia*. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do terceiro ano. 1967-8. Pub. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 13: 161-72.

1971. *Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia*. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do quarto ano. 1968-9. Pub. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 15: 163-74.

1974. *Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul do Estado da Bahia*. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do quinto ano. 1969-70. Pub. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 26: 141-56.

FERNANDES, Luydy Abraham.

1996-1998. *Diário de campo do projeto Piragiba*. Manuscrito.

1997. *Primeiro relatório do projeto Piragiba*. Museu de arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Digitado.

2001. *Relatório de viagem a Piragiba*. MAE/UFBA. Salvador, Digitado.

PALERMO NETO, Francesco e FERNANDES, L. A.

1999. *Relatório de visita a São Félix do Coribe*. MAE/UFBA. Salvador, Digitado.